

OS IMPACTOS DA CRISE ECONÔMICA NO MERCADO DE TRABALHO DA CONSTRUÇÃO

Resultados recentes de pesquisas permitiam sinalizar que o país vinha experimentado importantes realinhamentos na estrutura e na dinâmica do mercado de trabalho nacional, especialmente com a maior oferta de trabalho, sobretudo, regulamentado (contratação com carteira assinada), e redução do desemprego. De fato, este desenvolvimento foi identificado nos diferentes setores de atividade econômica, entre eles, o da construção, que também contou com políticas públicas específicas para o seu fomento, como linhas de créditos e subsídios para programas habitacionais e maiores investimentos em obras de infraestrutura pública.

Esta realidade, no entanto, mudou consideravelmente a partir de 2015. O monitoramento feito pelo Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego (SPED) em algumas das principais regiões metropolitanas do país, entre elas, a de Fortaleza, indica que há em curso um processo de deterioração do trabalho, emprego e renda conquistados ao longo dos últimos anos diante da queda do nível ocupacional e aumento do desemprego no país.

O Boletim Trabalho e Construção apresenta esse movimento de reconfiguração do mercado de trabalho e das relações laborais no âmbito do setor da construção, com base nos dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego da região metropolitana de Fortaleza (PED/RMF), entre os anos de 2011 e 2016. Estas informações chegam a ser detalhadas para as atividades que compõem este setor (construção e incorporação de edifícios, obras de infraestrutura e serviços especializados) como forma de melhor compreender os efeitos da crise econômica.

O setor da Construção¹

As informações da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) revelam que a participação do setor da construção no total de ocupados da região metropolitana de Fortaleza (RMF) diminuiu entre os anos de

2015 e 2016, ao passar de 8,6% para 8,0% dos ocupados. Esta retração fez com que a participação relativa do setor na ocupação geral da região regredisse praticamente para o mesmo valor de 2011 (8,1%) (Tabela 1).

TABELA 1
Distribuição dos ocupados, no trabalho principal, por setor de atividade econômica Região Metropolitana de Fortaleza – 2011 – 2016

(em %)

Períodos	Setores de Atividade			
	Indústria de Transformação	Comércio e Reparação de Veículos	Serviços	Construção
2011	18,9	22,6	48,1	8,1
2012	18,3	23,4	48,1	8,1
2013	18,8	23,7	46,8	8,6
2014	17,9	23,5	48,8	8,7
2015	17,1	23,9	48,6	8,6
2016	16,4	23,5	49,9	8,0

Fonte: PED-RMF – Convênio IDT/Sine-CE, STDS, Fundação SEADE/DIEESE e MTb/FAT

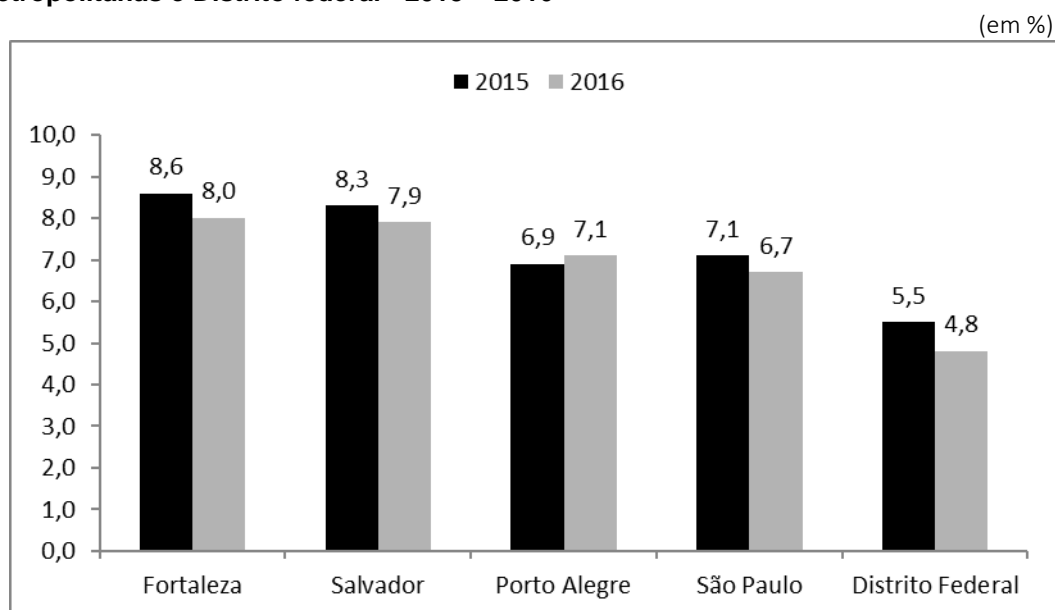
Esse movimento de redução do nível ocupacional do setor, especialmente no ano de 2016, foi percebido também em outras regiões metropolitanas investigadas pela PED, exceção feita a de Porto Alegre, na qual a proporção de ocupados absorvidos pela construção manteve-se relativamente estável.

Não obstante essa realidade, cabe mencionar que é nas metrópoles nordestinas que o setor detém maior participação relativa no total de ocupados das regiões pesquisadas, o que, sobremaneira, evidencia o peso e a importância do setor para as economias e os mercados de trabalho locais (Gráfico 1).

¹ Os dados deste Informe utilizam como delimitação da População em Idade Ativa a faixa de 14 anos ou mais. Em termos legais, a partir dessa idade, é possível participar na condição de aprendiz do mercado de trabalho no País.

GRÁFICO 1

Proporção de ocupados na construção, no trabalho principal
Regiões Metropolitanas e Distrito federal - 2015 – 2016



Fonte: PED-RMF – Convênio IDT/Sine-CE, STDS, Fundação SEADE/DIEESE e MTb/FAT

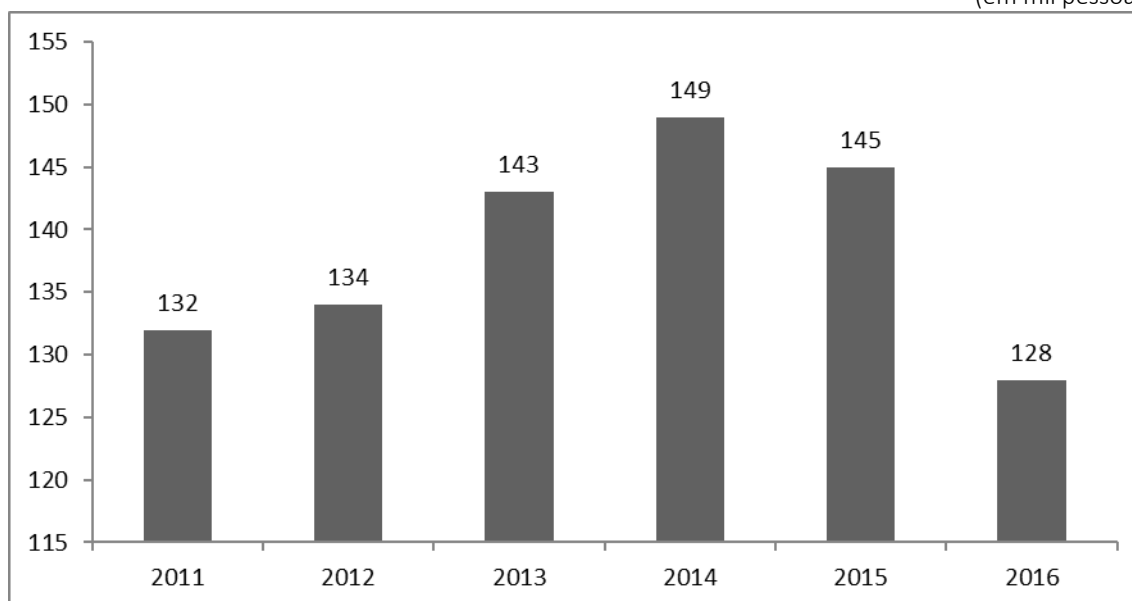
Em termos absolutos, o número total de ocupados na construção apresentou queda pelo segundo ano consecutivo, na RMF. Em 2016, ocorreu uma diminuição de 17 mil postos de trabalho, número superior

a o registrado no ano de 2015 (-4 mil), o que evidencia uma redução do número de trabalhadores, registrando a menor estimativa de ocupados no setor desde 2011 (Gráfico 2).

GRÁFICO 2

Estimativa dos ocupados no setor da construção, no trabalho principal
Região Metropolitana de Fortaleza - 2011 - 2016

(em mil pessoas)



Fonte: PED-RMF – Convênio IDT/Sine-CE, STDS, Fundação SEADE/DIEESE e MTb/FAT

Dos ocupados no setor, verificou-se que, em 2016, houve um aumento da participação dos trabalhadores no segmento construção e incorporação de edifícios e redução dos serviços especializados para construção. No que tange à divisão de obras e infraestrutura, ainda que a amostra não

permita maior desagregação das informações, há indicativos de que houve também retração deste segmento, fato este que pode ser compreendido tanto pelo fim de obras em infraestrutura na região quanto pela diminuição dos investimentos ocorridos neste segmento, no período recente (Tabela 2).

TABELA 2

Distribuição dos ocupados, no setor da construção, no trabalho principal, segundo as divisões do setor
Região Metropolitana de Fortaleza – 2011 – 2016

(em %)

Períodos	Divisões		
	Construção e Incorporação de Edifícios	Obras de Infraestrutura	Serviços Especializados para Construção
2011	77,4	(1)	18,8
2012	76,4	(1)	20,5
2013	78,3	(1)	18,8
2014	77,3	(1)	20,2
2015	77,2	(1)	20,4
2016	80,5	(1)	17,5

Fonte: PED-RMF – Convênio IDT/Sine-CE, STDS, Fundação SEADE/DIEESE e MTb/FAT

Nota: (1) A amostra não comporta desagregação para essa categoria

O perfil do trabalhador

Uma característica marcante e bastante conhecida do mercado de trabalho no setor da construção é que ele é majoritariamente composto por homens, uma vez que, em 2016, 97,2% de sua força de trabalho era do sexo masculino, percentual que tem se mantido relativamente estável ao longo da série.

Por outro lado, há que se destacarem, pelo menos, duas tendências com relação ao perfil dessa força de trabalho da região. A primeira delas é que a participação dos jovens é cada vez menor, fato este que pode estar associado aos mais diferentes

fatores, entre eles, pelo adiamento do ingresso dos mais jovens no mercado de trabalho ou da escolha profissional deles para outras atividades econômicas. Deste modo, é cada vez mais expressiva a proporção de trabalhadores nas faixas de idade mais elevadas, tais como daqueles entre 40 e 59 anos de idade, cuja proporção passou de 40,8%, em 2011, para 43,1%, em 2016 (Tabela 3). No último ano, a idade média do trabalhador local da construção era de 39 anos.

TABELA 3
Distribuição dos ocupados, no setor da construção, no trabalho principal, segundo faixas etárias
Região Metropolitana de Fortaleza – 2011 – 2016

(em %)

Períodos	Faixas etárias						
	De 14 a 15 anos	De 16 a 24 anos	De 25 a 29 anos	De 30 a 39 anos	De 40 a 49 anos	De 50 a 59 anos	60 Anos e mais
2011	(1)	16,2	12,7	25,5	25,8	15,0	(1)
2012	(1)	15,6	12,6	26,3	26,1	14,7	(1)
2013	(1)	17,0	12,5	25,1	25,9	14,4	(1)
2014	(1)	16,9	13,3	25,8	24,2	14,6	(1)
2015	(1)	14,8	12,6	27,1	25,9	14,3	(1)
2016	(1)	13,4	12,0	26,2	26,5	16,6	(1)

Fonte: PED-RMF – Convênio IDT/Sine-CE, STDS, Fundação SEADE/DIEESE e MTb/FAT

Nota: (1) A amostra não comporta desagregação para essa categoria

Uma segunda tendência a ser destacada é a redução da parcela dos trabalhadores menos escolarizados (até o fundamental incompleto) e aumento daqueles que concluíram, pelo menos, o ensino médio. Não obstante esses movimentos, os trabalhadores do setor detêm ainda de maneira geral baixa escolarização,

uma vez que quase a metade desta força de trabalho sequer conseguiu concluir o ensino fundamental (48,4%), ainda que este percentual tenha se reduzido significativamente nos últimos anos, uma vez que atingia 62,2% dos profissionais do setor, em 2011(Tabela 4).

TABELA 4
Distribuição dos ocupados, no setor da construção, no trabalho principal, segundo escolaridade
Região Metropolitana de Fortaleza – 2011 – 2016

(em %)

Períodos	Escolaridade				
	Analfabeto	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Completo ou Médio Incompleto	Ensino Médio Completo ou Superior Incompleto	Ensino Superior Completo
2011	12,0	50,2	18,9	16,8	(1)
2012	11,4	48,3	19,8	18,9	(1)
2013	10,6	46,7	20,5	20,4	(1)
2014	8,1	44,9	21,7	23,3	(1)
2015	8,3	42,6	22,4	24,6	(1)
2016	8,1	40,3	25,2	24,7	(1)

Fonte: PED-RMF – Convênio IDT/Sine-CE, STDS, Fundação SEADE/DIEESE e MTb/FAT

Notas: (1) A amostra não comporta desagregação para essa categoria

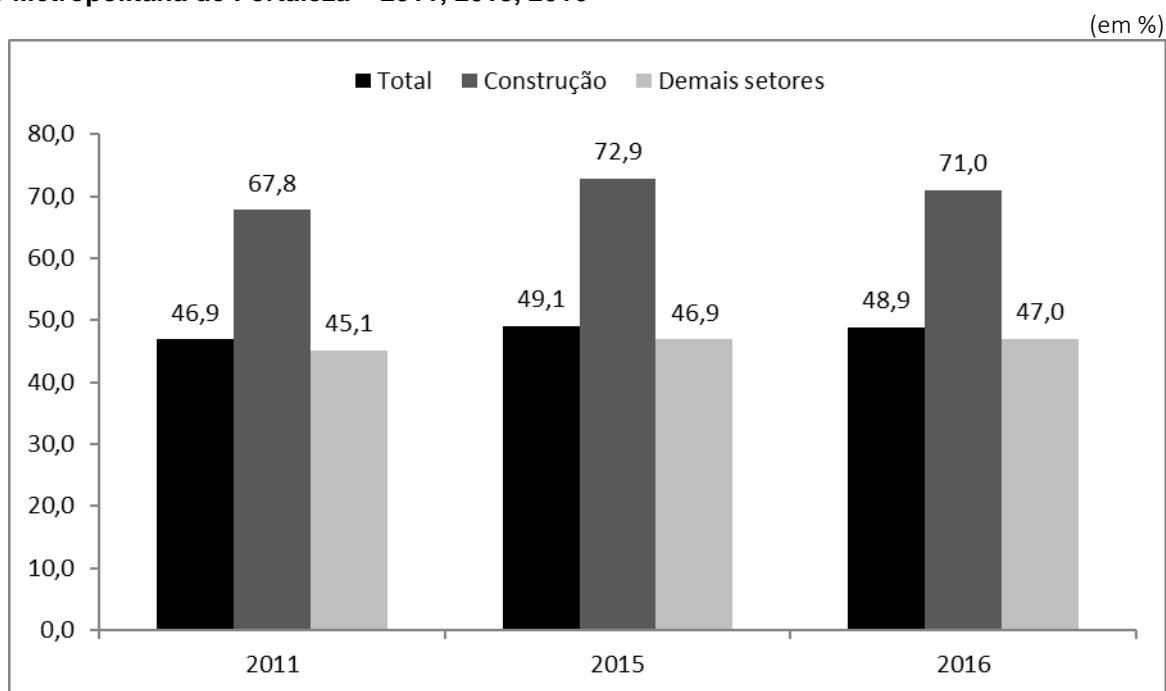
Outra característica marcante do setor da construção é o predomínio de trabalhadores que estão na condição de chefe na família: sete em cada dez ocupados do setor. Apesar da pequena

redução do último ano, 71,0% dos trabalhadores da construção eram chefes de família, ante 47,0% para os demais setores. Na média dos ocupados, 48,9% estavam nessa condição (Gráfico 3).

GRÁFICO 3

Proporção de ocupados, no trabalho principal, na posição de chefes de família por setor de atividade

Região Metropolitana de Fortaleza – 2011, 2015, 2016



Fonte: PED-RMF – Convênio IDT/Sine-CE, STDS, Fundação SEADE/DIEESE e MTb/FAT

Formas de inserção no mercado de trabalho

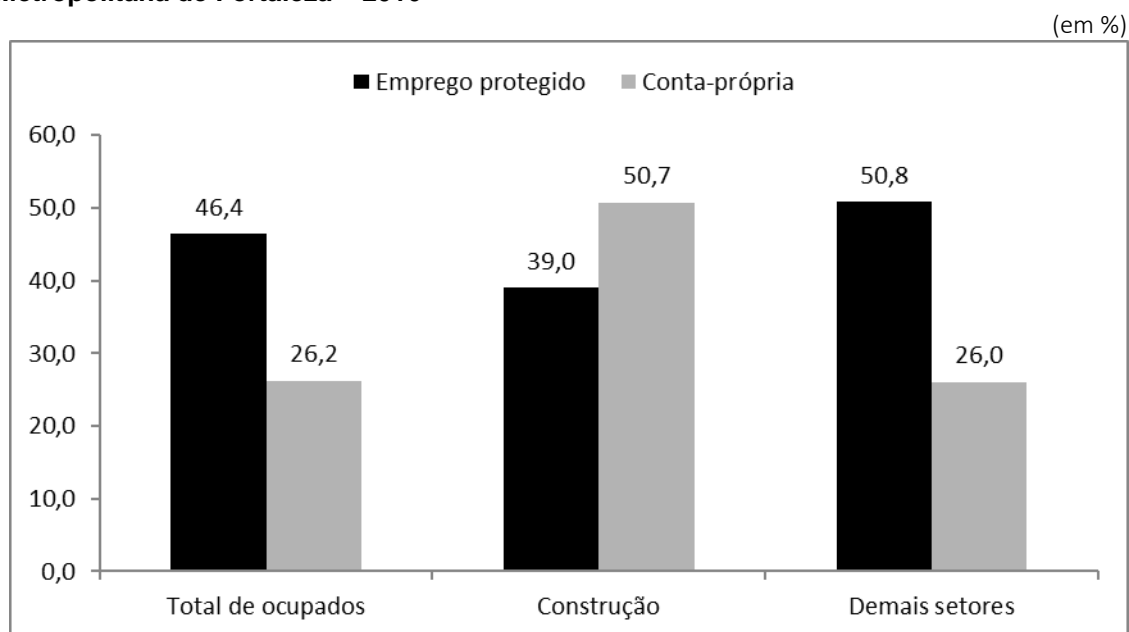
Ao serem analisadas as formas de inserção no mercado de trabalho da região metropolitana de Fortaleza (RMF) para o ano de 2016, verifica-se que a maior parcela dos ocupados era composta de trabalhadores subordinados a um vínculo empregatício (64,5%), seguidamente dos chamados trabalhadores independentes (26,2%), compreendido pelos trabalhadores autônomos ou por conta própria, empregadores e profissionais liberais. Já no setor da construção, a distribuição é bastante distinta, pois há maior representação de trabalhadores independentes (50,7%) do que de assalariados (48,7%), quer comparado ao total de ocupados quer comparado à realidade dos demais setores de atividade econômica

(respectivamente, 26,0% e 50,8%).

E, de fato, são diferentes profissionais – serventes, pedreiros, mestre de obras, dentre outros – que cotidianamente prestam serviços para o público em geral, especialmente através do acerto de diárias ou de empreita. Nota-se, aliás, que mesmo com todo o dinamismo recente do mercado de trabalho, especialmente no segmento da construção, a proporção de trabalhadores com carteira de trabalho assinada no setor fica restrita a 39,0% de seus ocupados, percentual bem abaixo ao registrado nos demais setores de atividade econômica (50,8%) ou da média geral do total de ocupados (46,4%) da região (Gráfico 4).

GRÁFICO 4

**Proporção de ocupados, segundo as formas de inserção ocupacional selecionadas
Região Metropolitana de Fortaleza – 2016**



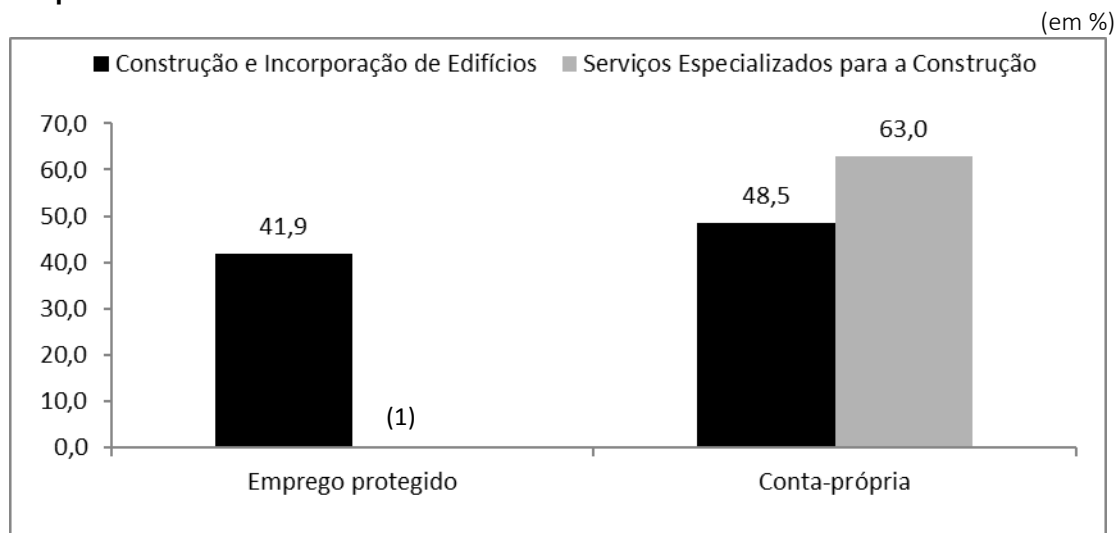
Fonte: PED-RMF – Convênio IDT/Sine-CE, STDS, Fundação SEADE/DIEESE e MTb/FAT

Dentre as divisões da construção, nota-se que a proporção de trabalhadores que atuam por conta própria é bastante significativa no segmento de construção e incorporação de edifícios (48,5%) e,

principalmente, nos serviços especializados (63,0%). Neste último, aliás, a proporção de trabalhadores que atuam por conta própria atinge seis em cada dez ocupados desse segmento econômico (Gráfico 5).

GRÁFICO 5

**Proporção de ocupados em construção e incorporação de edifícios e serviços especializados para construção, segundo as formas de inserção ocupacional selecionadas
Região Metropolitana de Fortaleza – 2016**



Fonte: PED-RMF – Convênio IDT/Sine-CE, STDS, Fundação SEADE/DIEESE e MTb/FAT

Nota: (1) A amostra não comporta desagregação para essa categoria

Rendimento

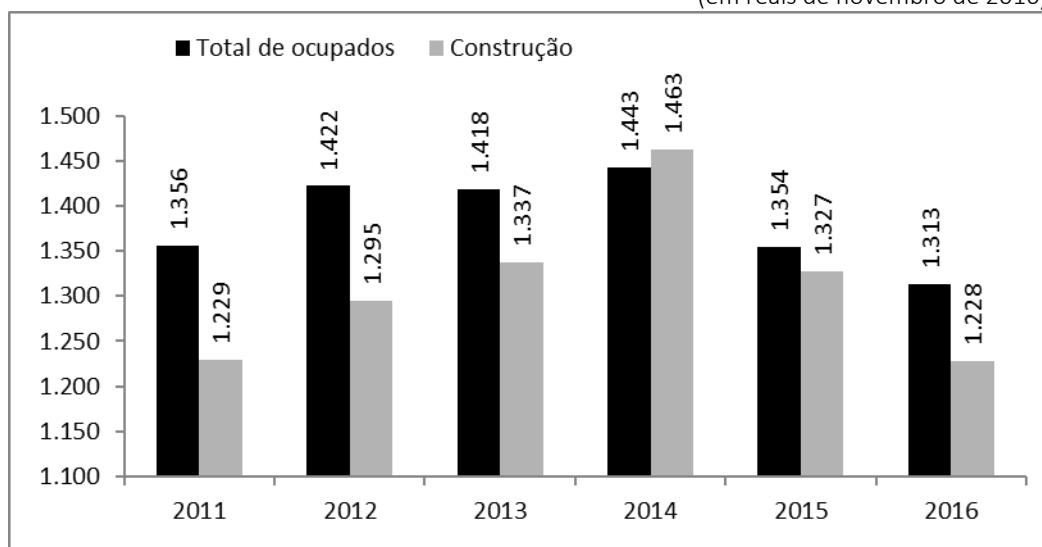
O rendimento médio real dos ocupados da construção registrou queda pelo segundo ano consecutivo, na região metropolitana de Fortaleza (RMF). Em 2016, a redução - anual - foi de 7,5%, percentual inferior ao que fora apontado em 2015 (-9,3%), retraindo significativamente o padrão de remuneração dos trabalhadores, nos últimos dois anos. Em ambos os casos

estes percentuais foram bem mais acentuados do que os registrados para o conjunto total de ocupados da região, quer em 2015 (-6,2%) quer em 2016 (-3,0%), o que sinaliza que os trabalhadores da construção sentiram mais intensamente a queda dos seus rendimentos obtidos pelo exercício da atividade laboral (Gráfico 6).

GRÁFICO 6

Rendimento médio real, total de ocupados e setor da construção Região Metropolitana de Fortaleza - 2011 - 2016

(em reais de novembro de 2016)



Fonte: PED-RMF – Convênio IDT/Sine-CE, STDS, Fundação SEADE/DIEESE e MT/FAT

Obs.: Inflator utilizado – INPC-RMF/IBGE

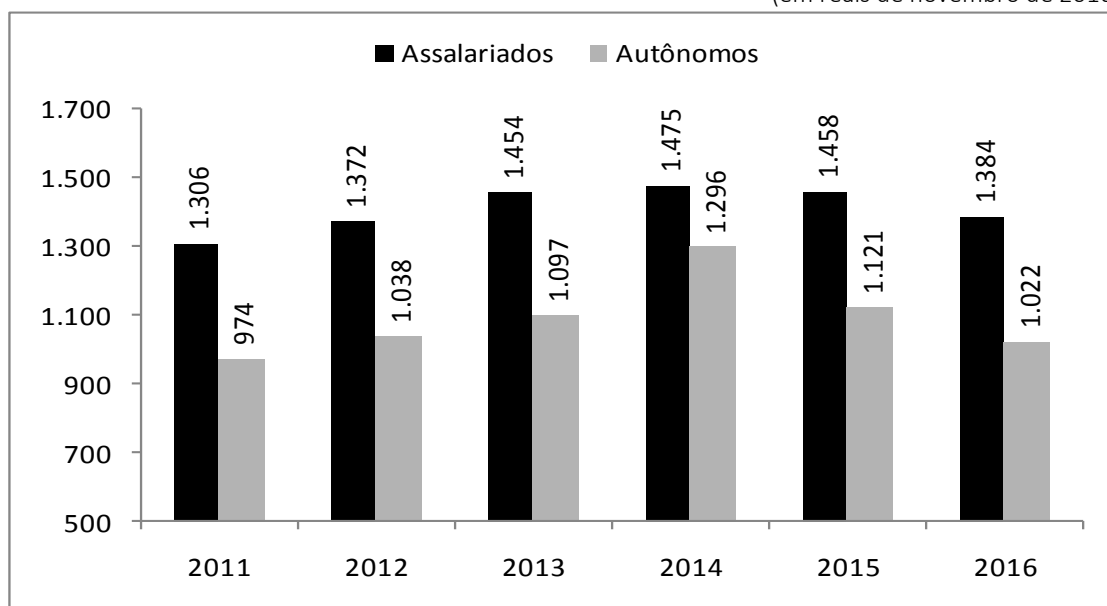
A retração do rendimento médio dos trabalhadores deste setor chegou a ser mais intensa entre os trabalhadores autônomos (-8,8%) do que entre os assalariados (-5,1%) em 2016, quando analisadas as formas de inserção ocupacional (Gráfico 7). Este é um resultado relevante na medida em que mais

da metade dos ocupados do setor atua no mercado de trabalho local por conta-própria, o que, sobremaneira, impactou mais profundamente a queda do padrão de remuneração do conjunto dos trabalhadores do setor da Construção.

GRÁFICO 7

Rendimento médio real, na Construção, por posição na ocupação Região Metropolitana de Fortaleza - 2011 – 2016

(em reais de novembro de 2016)



Fonte: PED-RMF – Convênio IDT/Sine-CE, STDS, Fundação SEADE/DIEESE e MTb/FAT

Obs.: Inflator utilizado – INPC-RMF/IBGE

Jornada laboral

A jornada média semanal de trabalho dos ocupados na construção, na região metropolitana de Fortaleza, manteve-se nas 40 horas, nos anos de 2015 e 2016. No recorte por segmentos do setor, constatou-se que ocorreu igual comportamento na jornada dos trabalhadores ligados à

construção e incorporação de edifícios (41 horas) e redução entre aqueles ligados aos serviços especializados para construção (de 39 para 38 horas), no período em análise. Este último segmento tem registrado sucessivas reduções na jornada laboral desde 2014 (Tabela 5).

TABELA 5

Jornada média semanal do total dos ocupados na construção, no trabalho principal, por divisões do setor
Região Metropolitana de Fortaleza – 2011 – 2016

(em horas)

Período	Total	Divisões		
		Construção e Incorporação de edifícios	Obras de Infraestrutura	Serviços Especializados para Construção
2011	41	41	(1)	39
2012	41	41	(1)	39
2013	42	42	(1)	41
2014	42	42	(1)	40
2015	40	41	(1)	39
2016	40	41	(1)	38

Fonte: PED-RMF – Convênio IDT/Sine-CE, STDS, Fundação SEADE/DIEESE e MTb/FAT

Nota: (1) A amostra não comporta desagregação para essa categoria

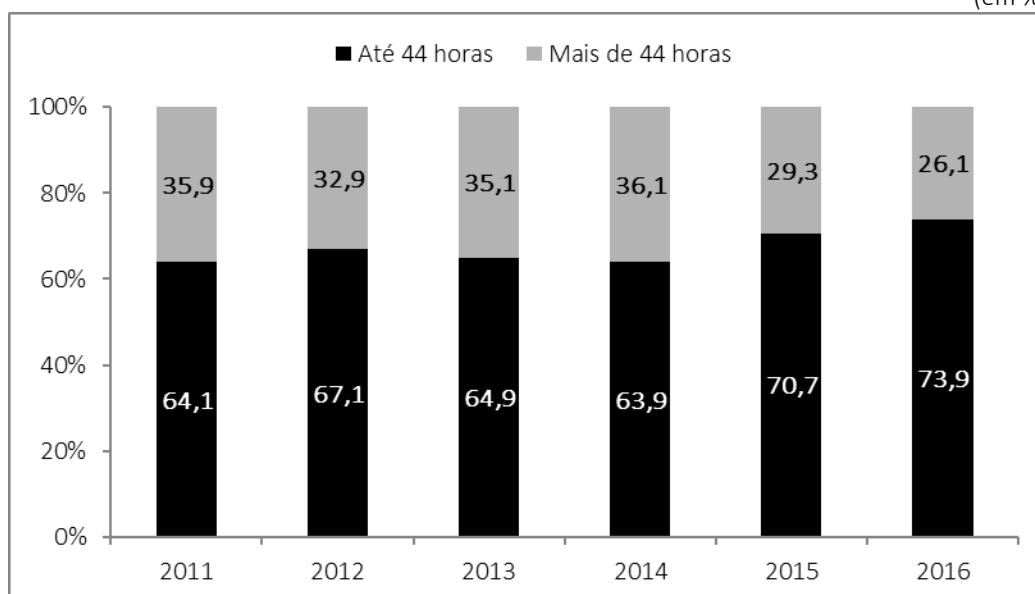
Outra informação relevante é que a proporção de profissionais que trabalham mais de 44 horas por semana manteve-se em

queda pelo segundo ano consecutivo, ao atingir 26,1% do total de ocupados do setor no ano de 2016 (Gráfico 8).

GRÁFICO 8

Distribuição dos ocupados na Construção, por faixas de horas semanais de trabalho
Região Metropolitana de Fortaleza - 2011 – 2016

(em %)



Fonte: PED-RMF – Convênio IDT/Sine-CE, STDS, Fundação SEADE/DIEESE e MT/FAT

Uma realidade que parece estar mais diretamente ligada à redução de demandas de serviços, uma vez que mais da metade dos ocupados da construção trabalha por conta-própria e pode ajustar a sua jornada de acordo com a demanda que recebe. Esta assertiva ganha maior relevo quando se contrasta com a maior perda do padrão de rendimento dos trabalhadores autônomos (-8,8%) do que o dos assalariados (-5,1%) do setor, o que, sobremaneira, minimiza o possível viés de que a redução da jornada pudesse meramente

estar associada aos ganhos de produtividade que poderiam ter sido colocados pelos primeiros na medida em que parte dos serviços prestados poderia ter sido na forma de empreita. Ou seja, a combinação da queda do rendimento e da jornada de trabalho sinaliza efetivamente uma retração na demanda de serviços, o que penalizou o conjunto dos trabalhadores da construção, especialmente os que atuam por conta-própria.

Previdência Social

Um primeiro aspecto a ser destacado com relação à previdência social é que a região metropolitana de Fortaleza vivenciou, nos últimos anos, um importante processo de formalização das relações de trabalho, dado que a proporção de assalariados com carteira de trabalho assinada cresceu de 35,2%, em 2009, para 45,7%, em 2015. Em 2016, com o agravamento da crise econômica e a redução

dos assalariados com registro formal, essa proporção recuou para 43,7% dos ocupados da região. O setor da construção seguiu essa mesma tendência, mas detém um nível de cobertura previdenciária bem inferior (43,0%) do que a registrada nos demais setores de atividade econômica (61,3%) e, até mesmo, no conjunto total de ocupados (59,8%) da região (Tabela 6).

TABELA 6

Proporção de ocupados, no trabalho principal, que contribui para a previdência, por setores de atividade

Região Metropolitana de Fortaleza - 2011 - 2016

(em %)

Períodos	Ocupados que contribuem para Previdência		
	Total	Construção	Demais setores (exceto Construção)
2011	53,6	42,9	54,5
2012	55,4	42,0	56,6
2013	57,2	44,1	58,4
2014	59,3	46,9	60,5
2015	61,1	46,7	62,5
2016	59,8	43,0	61,3

Fonte: PED-RMF – Convênio IDT/Sine-CE, STDS, Fundação SEADE/DIEESE e MTb/FAT

Os dados apresentados demonstram que a proporção de trabalhadores descobertos do sistema previdenciário na região é não somente bastante expressivo como se ampliou entre os anos de 2015 e 2016 (Tabela 7). A baixa cobertura previdenciária entre os trabalhadores locais, especialmente os da construção, é bastante preocupante na

medida em que estes estão desprotegidos dos mecanismos da seguridade social nos casos de desemprego e, principalmente, de acidentes de trabalho, que são frequentes no setor da construção, inclusive se considerados os casos de óbito no local de trabalho.

TABELA 7

Proporção de ocupados, no trabalho principal, que não contribui para a previdência, por posição na ocupação selecionada

Região Metropolitana de Fortaleza - 2011 – 2016

(em%)

Períodos	Total	Setor da Construção		
		Total	Assalariados	Autônomos
2011	46,4	57,1	22,5	97,8
2012	44,6	58,0	23,8	97,6
2013	42,8	55,9	19,6	96,2
2014	40,7	53,1	17,6	96,0
2015	38,9	53,3	16,6	95,3
2016	40,2	57,0	17,7	95,3

Fonte: PED-RMF – Convênio IDT/Sine-CE, STDS, Fundação SEADE/DIEESE e MTb/FAT

Embora seja perceptível a maior cobertura previdenciária entre os assalariados do setor, nota-se que ainda há uma parcela bastante expressiva de trabalhadores que está desprotegida da seguridade social (17,7%),

realidade esta que está associada àqueles que atuam na condição de assalariados e sem registro na carteira profissional, o que torna necessário maiores ações de fiscalização dos vínculos empregatícios nos canteiros de obra.

Neste estudo, foram analisadas informações sobre a inserção produtiva dos trabalhadores ligados ao setor da construção e que residem na região metropolitana de Fortaleza. Os dados foram apurados por meio da Pesquisa de Emprego e Desemprego da região (PED/RMF) entre os anos de 2011 e 2016, período em que se vivenciaram momentos de expansão e de retração da atividade econômica, especialmente no setor da construção.

Em 2016, a forte crise que afetou o trabalho de trabalho fez com que a estimativa de ocupados no setor recuasse para o menor patamar da série histórica (128 mil). Tal impacto trouxe consequência tanto para o conjunto da força de trabalho da região, com a maior representação da população masculina entre os desempregados locais - 51,3%, superando a feminina pela primeira vez, desde 2009 -, quanto para aqueles que permaneceram na condição de ocupados no setor ao sofrerem com a perda do padrão de remuneração e da jornada laboral. No último ano, a queda do rendimento médio real foi mais intensa entre os trabalhadores autônomos (-8,8%) do que entre os assalariados (-5,1%) do setor, uma realidade preocupante na medida em que mais da metade da força de trabalho ligada a este setor está na condição de autônomo (50,8%), proporção esta que chega a ser quase o dobro da observada nos demais setores de atividade econômica (26,0%).

Esse tipo de realidade faz com que a construção detenha a menor cobertura previdenciária entre os setores de atividade econômica analisados, uma situação preocupante levantada ao longo do texto. A baixa cobertura previdenciária se deve à maior representação de trabalhadores na condição de autônomo e de um percentual expressivo de assalariados sem carteira assinada, o que torna relevante mais esforços das instituições competentes na fiscalização e no combate às contratações ilegais do setor.

PRINCIPAIS CONCEITOS

PIA – População em Idade Ativa: população com 10 anos e mais.

PEA – População Economicamente Ativa: parcelada PIA que está ocupada ou desempregada.

OCUPADOS: indivíduos que nos 7 dias anteriores ao da entrevista:

a) possuem trabalho remunerado exercido regularmente; b) possuem trabalho remunerado exercido de forma irregular, desde que não estejam procurando trabalho diferente do atual; c) possuem trabalho não-remunerado de ajuda em negócios de parentes, ou remunerado em espécie/benefício, sem procura de trabalho; d) excluem-se as pessoas que, de forma bastante excepcional, fizeram algum trabalho neste período.

DESEMPREGADOS: indivíduos que se encontram em uma das seguintes situações:

a) **Desemprego Aberto:** pessoas que procuraram trabalho de maneira efetiva nos 30 dias anteriores ao da entrevista e não exerceram nenhum trabalho nos 7 últimos dias; b) **Desemprego Oculto pelo Trabalho Precário:** pessoas que realizam algum trabalho remunerado eventual de auto-ocupação, ou seja, sem qualquer perspectiva de continuidade e previsibilidade, ou realizam trabalho não-remunerado em ajuda de negócios de parentes e que procuraram mudar de trabalho nos 30 dias anteriores ao da entrevista ou que, não tendo procurado neste período, fizera-no sem êxito até 12 meses atrás; c) **Desemprego Oculto pelo Desalento e Outros:** pessoas que não possuem trabalho nem procuraram, nos últimos 30 dias, por desestímulo do mercado de trabalho ou por circunstâncias fortuitas, mas apresentaram procura efetiva de trabalho nos últimos 12 meses.

INATIVOS (MAIORES DE 10 ANOS): parcela da PIA que não está ocupada ou desempregada.

RENDIMENTO DO TRABALHO: rendimento monetário bruto (sem descontos de imposto de renda e previdência social) efetivamente recebido, referente ao trabalho realizado no mês imediatamente anterior ao da pesquisa. Para os assalariados, são considerados descontos por falta, etc. ou acréscimos devidos a horas extras, gratificações, etc. Não são computados o 13º salário e os benefícios indiretos. Para os empregadores, os autônomos e as demais posições é considerada a retirada mensal, não incluindo os lucros do trabalho, da empresa ou do negócio.

PRINCIPAIS INDICADORES

TAXA DE DESEMPREGO TOTAL: proporção da PEA que se encontra na situação de desemprego – total, aberto e oculto.

TAXA DE PARTICIPAÇÃO: proporção de pessoas com 10 anos e mais incorporadas ao mercado de trabalho como ocupadas ou desempregadas.

ÍNDICE DE OCUPAÇÃO: nível de ocupação alcançado em determinado trimestre em relação ao nível médio do período base.

RENDIMENTOS: a média trimestral do rendimento mensal real no trabalho principal. A média trimestral é calculada a partir de valores nominais mensais, inflacionados pelo INPC/RMF (IBGE), até o último mês do trimestre. Os dados de rendimento, investigados em cada mês, referem-se ao mês imediatamente anterior ao da coleta e, portanto, têm sempre esta defasagem em relação às demais informações da pesquisa.

Presidente
Michel Temer
Ministro do Trabalho
Ronaldo Nogueira
Governador do Estado do Ceará
Camilo Santana
Secretário do Trabalho e Desenvolvimento do Trabalho
Josbertini Virginio Clementino
Presidente do Instituto de Desenvolvimento do Trabalho
Antônio Gilvan Mendes de Oliveira
Presidente do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
Antônio de Sousa
Presidente da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
Carlos Antônio Luque
